

O programa dos monárquicos mussolinistas apresentado, em conselho de ministros, pelo general Gomes da Costa

O Terreiro de Paço mudou-se ontem, inopinadamente, para as salas da redacção do jornal *A Epoca*. Mendes Cabeçadas está condenado a ser um intruso e o general Gomes da Costa hipotecou os miolos ao bando negro inspirado e dirigido pelo jesuíta professo, pelo agente provocador da Companhia de Jesus - Fernando de Sousa Nemo.

Só assim se explicaria que o programa que o general Gomes da Costa apresentou em conselho de ministros, impondo, com a mão no punho da espada, a sua adopção ao actual governo, fosse fornecido à imprensa pelo jornal que mais intrigas e más calúnias e mais conspirações tem urdido contra a república. E também só assim se encontraria uma explicação categórica, destas explicações que não permitem a sombra duma dúvida, sobre as intenções do famoso programa que é, no momento actual, a última palavra sobre reaccionarismo, excedendo até, alguns pontos, a violência brutal e ancestral que supunhamos ter encontrado em Mussolini, a sua máxima e suprema expressão.

Diz-se, dizem-nos mesmo, que foi a tropa de Sacavém quem redigiu a miséria reaccionária, o lodo legislativo, a lama viscosa do programa. Não acreditamos. Sabemos que até Sacavém predomina o vinho do Cartaxo e que este possui uma elevada graduação alcoólica, mas não acreditamos que se tivesse abusado dele a ponto de se ter elaborado o programa a que nos vimos referindo.

A tropa talvez tivesse aprovado aquela singular infâmia; aprová-la talvez, mas não a pensou, nem a redigiu. Preferimos cortar a cabeça à tropa, a responsabilisá-la pelo que esse doido, esse doido mau e perigoso que é Nemo, foi buscar ao mais celebrado dos canos de exgóto do reaccionarismo europeu.

Pretende esse asqueroso homem que é Nemo desencadear sobre o país a mais sangrenta, feroz e pavovar das guerras civis. Mas que tenha cautela! Um fantoche odiante, mesmo de cabelos brancos, não passa dum fantoche odiante.

Examinemos, porém, sem demora, o programa que seria inequívoco na mais reaccionária das monarquias.

Liberdade da família

Sobre este capítulo limitar-nos hemos hoje à análise duma só medida: a revisão da lei do divórcio. Revisão é uma palavra hipócrita que oculta metade da verdade. Revisão é um disfarce, visto que não é disso que se trata. Pretende-se mas é suprimi-la.

O divórcio é uma medida humana, com a qual a própria burguesia teve de transigir, para evitar que a vida moral e sexual arvorasse, em franca rebelião com a sociedade, orgulhosamente e legitimamente, o pavilhão da união livre.

A união dos seres não pode ser indissolúvel, por lei, mas pelas circunstâncias. E as circunstâncias aconselham muitas vezes a separação. Imaginemos uma mulher que tornasse o adultério um *sport* deitável ou um homem que se transformasse no mais violento e impulsivo dos canhais. Imaginemos ainda a loucura, o alcoolismo, a degenerescência moral, a mais formal incompatibilidade de géneros. Em qualquer destes casos, dois seres ficam condenados: um a ser o instrumento do supúcio do outro e o outro a ser até à hora da morte enxovalhado, infamado e martirizado.

Condenar dois seres à infelicidade legal, à infelicidade perpétua, só podia lembrar a um criminoso. E' a obra da negra igreja de Roma. E surge, a querer impor-se vitoriosa na hora livre, na hora esclarecida em que a grande massa dos católicos é pelo divórcio! E surge este projecto numa república, quando numa monarquia como a Dinamarca é proibida por lei a expressão de trânsfato que separe a mulher solteira da mulher casada, a mulher virgem daquela que o não é. Este crime só pode ter uma resposta condigna: um escarro verde na face de quem o premeditou.

Liberdade da propriedade e autonomia económica nacional

Sobre este capítulo limita-se o programa a vagas declarações que exprimem de concreto o máximo

egoísmo da minoria privilegiada. A propriedade estará acima de tudo - inclusivamente a segurança da sociedade e a própria vida humana. A miséria e a escravidão económica serão além da lei geral, a única realidade social possível. Aumentará o numero dos raquíticos, dos tuberculosos, dos esfomeados e dos degenerados. O país universal da miséria terá como capital o território português. Alargar-se hão os cemitérios - e a paz de Varsóvia, a paz既é do sono eterno das vitimas, reinará como palida, como esverdeada soberana, sobre os tumulos. Esta parte do programa promete uma revanche. E' que o instinto da conservação nos indivíduos, a pesar de ser também grande a sua capacidade de resignação, não pode morrer agora - não morrerá nunca. E não faltará quem, agitado pela fome, erga os braços revoltados no seu desespero encontrarás as armas mais potentes e vingadoras. Neste duelo tragicó da miséria com a riqueza criminosa, aguardaremos a última palavra.

Promete ainda neste capítulo "uma reforma bancária no sentido de evitar qualquer intervenção do Estado nos bancos."

Esta reforma é o São Martinho da rua dos Capelistas. O país não cabia todo nos cofres dos banqueiros. Ainda havia quem tivesse, pelo menos, a posse duma camisa. Vai ficar sem ela para omnipotência de todos os Sotomaiores daquela sinistra artéria de bandoleiros.

O Conselho do Tesouro e a Inspecção do Comércio Bancário incomodavam, não muito, mas um pouco, o bezerro de ouro. Desaparecerão! Alberto Xavier, caixeteiro dos banqueiros, pago pelo Estado, dansará o batuque com a mais frenética alegria de toda a sua crupulosa existência.

Liberdade religiosa

Suprema ironia! A liberdade e a religião são antíteses. A religião é o dogma e a liberdade a sua mais poderosa, tradicional e irreconciliável inimiga. Pois haverá liberdade religiosa que será, em símula, liberdade de ir à missa, liberdade de acreditar em Deus, liberdade de casamento religioso. Mas isso já existia, isso sempre existiu - dirão. E' claro. Mas a liberdade religiosa, consiste essencialmente na supressão de todas as liberdades, exceptuando a de fanatizar que será ilimitada.

Sob este ponto ameaça-se com a concessão da personalidade jurídica da Igreja e a liberdade de ensino religioso nas escolas. Sobre a primeira já nos temos referido largamente. Quanto à segunda, recordamos o excelente artigo que ontem inserimos, da autoria do sr. dr. Geraldino Brites, ilustre lente da Universidade de Coimbra.

Garantia do direito da vida

A garantia do direito à vida resume-se, nesta sinfonia fraternal e humana: o estabelecimento da pena de morte. O programa não o diz, porque sabe que uma afirmação dessa natureza faria levantar as pedras das calçadas, mas deixa-o transparecer.

Haverá "uma lei repressiva de atentados pessoais de natureza política ou pessoal (autores, instigadores e detentores de armas e engenhos explosivos), sendo os seus autores julgados sumariamente ou em conselho de guerra no prazo máximo de oito dias".

Esta ideia sinistra nasce dum arrepião de medo, dum estremecimento da consciência, dum crise histórica de pavor. E' o ditador, consciente dos seus crimes, receoso das consequências das suas crueldades, apavorado com a sombra da carabina do Buiça e da Browning de José Júlio da Costa. O medo fabrica a repressão. Mas a repressão é o crime - o crime envergando uma farda e tornado lei: João Brandão diluído no *Diário do Governo*. E a repressão não tem o poder de restituir a vida aos mortos. Não serve, portanto, de seguro de vida ao ditador.

Em face deste programa só pode haver uma atitude. E essa, o povo ha de saber tomá-la na hora própria. E ai dos despotas, ai dos ditadores, quando a nossa consciência conseguir resgatar-se.

A Bélgica desarma

BRUXELAS, 15. - O governo deliberou reduzir o exército de 47 a 42.000 homens e vender 4 antigos torpedeiros e destróiers alemães, que primitivamente se havia projectado fazer parte da futura armada belga.

Estas medidas foram tomadas pela necessidade de fazer séries economias nas despesas do Estado. - (L.)

O conflito mineiro

LONDRES, 15. - Realizou-se hoje ao meio dia um conselho de ministros preparatório do debate desta tarde nos conselhos sobre o conflito do carvão. Em seguida ao conselho de ministros, o sr. Baldwin recebeu os representantes da associação mineira. - (L.)

Um tratado de comércio

LONDRES, 15. - Segundo notícias recebidas nesta cidade, os governos dos súbditos e da Mongólia concluiram um tratado por dez anos, regulando a navegação russa nos rios mongóis. - (L.)

Tratado de aliança

BUCAREST, 15. - O ministro dos Negócios Estrangeiros romeno e os delegados tchecoslovaco e Yugo-slavo assinaram a prorrogação por três anos da aliança defensiva concluída entre os três países representados na conferência. - (L.)

Violentos temporais

BERLIM, 15. - Sobre todo o norte da Alemanha, violentos temporais continuam a fazer sentir os seus efeitos. - (L.)

O triunfo será da reacção?

A *Epoca* é o campo de manobras, é o quartel onde se encontra o estado maior militar e civil da conjura que tende a estabelecer a monarquia com a violência e feroz transição duma ditadura excepcionalmente sangrenta e liberticida.

Nesse sentido vem desde o primeiro dia do movimento militar distilando ódio em todas as suas colunas, vomitando a sua baba peçonhenta sobre os que a não coadjuvam, intrigando os que se encontram na tropa, a fim de precipitá-los numa guerra civil ferozmente devastadora. As suas entrevistas, feitas com alguns reaccionários fardados, não trazem nome, guardam sobre e entrevistado o mais prudente e jesuítico dos anônimos.

Para dar bem a ideia do seu poder de intriga transcrevemos o seguinte precioso trecho desta entrevista, anônima, é claro, com um fardado reaccionário:

"- Na véspera da parada militar da entrada triunfal do sr. general Gomes da Costa em Lisboa, o gabinete da presidência do Ministério, tinha um aspecto, fantástico. A meia noite, o sr. comandante Cabeçadas em pé junto da sua secretaria, ouvia as reclamações daqueles reaccionários que se diziam os fieis defensores da república. Militares e civis pejavam a sala. Boaventura Féria, apolítico dava murros na mesa, gritando:

"- Eu tenho mil homens armados, prontos para defenderem a república em perigo!"

Viegas Lata, exclamava:

"- Eu tenho 800 homens!"

E logo os cálculos surgiram:

"- 4.000 homens da 1.ª divisão, 1.800 do

Viegas Lata e do Féria, e da 2.ª divisão, al-

guns elementos da 5.ª e da 2.ª...

E feitas as contas exclamam:

"- 9.000 homens! E' preciso não perder um momento, vamos contra elas!"

Páliido, puxando pelos cabelos, coçando os cotovelos o sr. comandante Cabeçadas, diz nervosamente, quase a chorar:

"- Eu não quero sangue, não quero combates!"

Então eu que não sabia a razão daquela suspeita preguntei a um oficial:

"- Mas porque é tudo isto?"

"- Não sabe?"

"- Não senhor!"

- O Gomes da Costa está no Entroncamento com o Serpa, o Vasco de Carvalho e o Raúl Esteves e outros preparando a restauração da monarquia! Amanhã entra em Lisboa para restaurar a monarquia!

"- Ah!"

"- E' o que lhe digo!"

Era exibido um papel, capitulado de *co-pia* fiel das decisões tomadas no Entroncamento Gomes da Costa, Duque de Bragança, com dinírio suficiente para honrar o título!

Fiquei pasmado com a intriga! O comandante Cabeçadas, ali na minha frente, metia dô. Não sabia o que fazer, indeciso, alfito!

Do maquiavelismo que isto revela, os leitores podem ajudar, dispensando para isso, interamente, mais comentários.

Quanto aos 1.800 civis que pertenciam às duas pessoas acima citadas, percebe-se claramente que é um conto do vigário. O sr. Féria é muito confiado pela sua família, pelas pessoas que moram na sua rua e nada mais. Os 830 civis do sr. Viegas são igualmente um *bluff*. Este senhor nunca iria prometer civis que nunca teve, a não ser que pretendesse arrogar-se a uma influência que não tem.

Há realmente civis dispostos a bater-se pela liberdade. E esses não são 1.800 apenas; são dezenas de milhares. A entrevista da *Epoca* sobre o oferecimento dos 1.800 civis é mentirosa. Se o não fôr mentem então as pessoas que os dizem possuir...

O general dos aguadeiros a todos sobre o seu mortificante poder, pôs até mandar prender oficiais que prestam um serviço que, além de útil à comunidade, é determinado por entidades legítimas. Nem será conveniente protestar porque o grande sifão está em Sacavém...

Disputério Irrita-se

O tenente-coronel Mousinho de Albuquerque, herói hereditário, que comanda, dizem os boatos correntes, as forças acampadas em Sacavém, é um disputério intempestivo. Ele tem uma enigmática inteligência; ele tem sábios conceitos filosóficos que sabe exprimir apenas numa frase cheia de brilho: *Isso é um disputério!* E quando os jornalistas, sempre ansiosos por criarem, per secula seculorum, a fama dos disputérios de Mousinho Sacavém, s. ex. irrita-se e chama-lhes imbecis. Já viram maior disputério?

O tenente-coronel Disputério de Sacavém Mousinho de Albuquerque já era estupendo herói no dia em que seu avô nasceu - uma questão de família - e, por isso, abalizado torna a sua opinião de que três soldados bastariam para escangalhar um jornal.

Caray, que disputério! E se ha marchado el padre Noé con su arca... Tudo es per-

tanto de um simples exercício de rebuçado.

E logo outros oficiais:

- São forças que vão ao encontro dum coluna de marinheiros e civis que dizem vir-nos atacar...

Por circunstâncias ainda desconhecidas as forças que marchavam sobre Lisboa regressaram a Sacavém.

Já depois do regresso das tropas o sr. Ferreira do Amaral dirigiu-se para Sacavém, onde encontrou tudo em sossêgo. E o governo, dando crédito às informações que lhe foram fornecidas, apressou-se a desmentir uma coisa que era rigorosamente verdadeira.

Muito convicto:

- Com o exército sucede a mesma coisa. Todas as unidades nos têm afirmado a sua inteira solidariedade.

O Plano da Reorganização Nacional, ontem publicado nos jornais, e hoje analisado por nós noutro lugar, levou os jornalistas

ISTO É DÉLES!...

O Estado cedeu à Igreja edifícios que eram necessários para escolas

Os padres já andam na rua de hábitos talares!

A Igreja Católica está aproveitando manhosamente a situação para deitar as mãosinhos de fora... No movimento militar que derrubou António Maria da Silva não arriscou um centavo, nem esbocou uma tentativa hostil, mas prepara-se para recolher de todos os frutos, pretendendo dar a impressão de que tudo o que surgiu após a revolução obedece aos seus desejos e curva-se perante a sua vontade...

E, em abono da verdade, devemos confessar que ela tem conseguido, devido ao seu inernal poder de intriga e à jesuítica intervenção que ela fez em certos meios, obter alguma coisa do muito que ambiciona.

Os padres, contra o que preceitam as leis vigentes, já andam nas ruas, como andam nas igrejas, de hábitos talares. O carnaval só é permitido três dias no ano, mas a Igreja conseguiu já que ele funcione a uma grande distância da quadra entra-desa.

Se qualquer operário saisse à rua, desrespeitando alguma lei, a polícia seria pouca para lhe cair em cima a esfrangalh

A BATALHA

A CRISE NO ALGARVE

Alguns aspectos da vida de miséria que atravessam as classes laboriosas de Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.—Em todo o litoral algarvio são iguais as determinantes da crise de trabalho. Contudo nesta vila notáveis características do sentimento religioso da população que traçam para o assunto uma nova modalidade.

Em Vila Real de Santo António há fome e miséria como já vimos em Olhão. É verdade que nesta última localidade o quadro possuía tintas mais fortes que conturbam a nossa sensibilidade. Mas em Vila Real de Santo António verificámos uma paralisação completa de grande número de indústrias e a paralisação parcial de outras. Esse fato trouxe para a população a fome em muitos lares. Em virtude da falta de recursos já três operários foram prostrados pela fome!

Das 16 fábricas conserveiras, que empregavam 400 operários, está em laboração um reduzido número, onde um terço daqueles trabalhadores exercem a sua actividade.

Nas outras indústrias, ressentidas grandemente pela crise na indústria conserveira, produziram-se uma rápida paralisação.

Essa paralisação, por sua vez, produziu um movimento emigratório ao qual se não poderiam eximir centenas de nativos de Vila Real de Santo António.

Em pleno exercício das suas trágicas funções, a Fome levou os trabalhadores dessa vila a aceitarem o recurso supremo dos deserdados: o prestamista.

Para a Casa de Penhores foram parar todos os báveros dos desgraçados que pretendiam defender-se da Fome. O prestamista, voraz como os seus confrades de Olhão, apoderou-se dos bens dos esfomeados. Hoje, o prestamista em Vila Real de Santo António só aceita ouro pelo qual cobra um juro elevadíssimo.

Já que falamos em prestamistas, vamos fazer eco de uma versão muito comum nesta localidade, versão de que nos garantem a sua autenticidade. Ela-lá:

Uma pobre mulher do povo adquiriu numa Casa de Penhores, por 40000 uns brincos. Passado um mês a fome obrigou-a a recorrer ao mesmo prestamista, agora para lhe emprestar sobre penhor dos referidos brincos algum dinheiro.

O prestamista examinou os brincos e deu-lhe:

— Valem 10000!

A creatura recebeu aquela importância e retirou-se. Dias depois, como se julgasse no direito de levantar mais dinheiro sobre os brincos dirigiu-se novamente ao penhorista para o efeito. Qual não foi, porém, a sua

A iniquidade das deportações tem de ser reparada com inteira justiça

O Diário de Lisboa não pode ser acusado de afinidades para connosco: é um jornal conservador, que de nenhuma forma poderá concordar com a nossa orientação revolucionária intransigente. Pois o referido jornal entende que os operários deportados devem regressar à metrópole, onde as responsabilidades de cada um seriam clara e perentoriamente definidas. Ontem, o Diário de Lisboa publicava uma extensa local, em que, embora sem abandonar o seu critério conservador, mas com desusada imparcialidade, enunciava a conveniência de se promover o regresso e o rápido julgamento dos deportados sem sanção jurídica, antes por alvredo policial. Transcrevemos a local do Diário de Lisboa, embora saibamos que os seus dizeres não agradaram aos reactionários que pretendem, a-pesar-de toda a sua cobardia e espírito de traição, ganhar, sem esforço, oiteiro domínio nas circunstâncias actuais. Eis a local:

Nenhum operário deve trabalhar na construção do palatrório

Recebeu o Sindicato Único da Construção Civil uma carta dos presos por questões sociais em que aqueles camaradas apelaram para o Sindicato no sentido de este fazer uma prevenção aos operários da Construção Civil, para que eles não se pretendam a ir para a cadeia do Lameiro fazer o palatrório com que se pretende tirar aos presos a liberdade de poderem estar algumas horas juntos das suas famílias. Por este motivo este Sindicato apela para todos os camaradas da Construção Civil, para que não se prestem a fazer tal obra que vai retirar uma regalia que os presos ali gosam, tornando mais horríssimo o seu viver.

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das obras do Estado

A comissão de melhoramentos da Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras dos Edifícios Monumentos Nacionais, convida os operários licenciados, inválidos e sinistrados a reunirem-se hoje pelas 10 horas da manhã, na sede da Associação, travessa do Oleiro, 13, a fim de tomarem conhecimento dos trabalhos realizados junto das entidades competentes para a reabertura das obras e pagamento das pensões e indemnizações aos inválidos e sinistrados.

Excursão de estudo

Os alunos da Escola Primária Superior Adolfo Coelho, por iniciativa do professor Rodrigues Direito, realizam amanhã uma excursão de estudo a Évora.

Secção Telegráfica

Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Conselho Inter-federal, segue ofício e expediente.

Liga Gráfica de Évora, segue ofício e expediente.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto.—Enviem urgente credencial para o delegado ao Conselho Federal.

Fazemos um pouco de história: Houve um largo período de terrorismo que provocou uma revanche do governo e das autoridades de certo modo justificada.

Os atentados sucediam-se. Em nome da organização que se apelidou de «Legião Vermelha», cometiam-se as mais audaciosas proezas: exigências de dinheiro em Bancos e em casas particulares, assaltos às ruas, etc.

A polícia pôs-se em campo — e começou a prender os «legionários».

Mas—diz muita gente—nessa onda foram envolvidos numerosos rapazes e alguns velhos que nada tinham com a «Legião», nem sequer concordavam com os seus actos.

Diz-se também que houve até pessoas que foram presas, pela simples circunstância de figurarem nos registos policiais de há muitos anos, como anarquistas perigosos.

Entretanto, os atentados continuavam—e para lhes pôr cobro, o governo agarrou

A explosão de bombas no Porto

A opinião pública exclui os sindicatos operários das responsabilidades no trágico acontecimento

surpresa quando aquele cavalheiro lhe reaguiu:

— A senhora já é devedora à casa!... E' dizer. Durante o curto espaço de algumas horas a pobre mulher perdeu o direito aos brincos, porque a importância dos juros já era superior à quantia emprestada!

Há ainda, em Vila Real de Santo António, um vínculo determinado pela crise de trabalho, os reactionários deste burgo aconselham população, em sermões e novenas, a confiar em Deus a solução da miséria que tanto a vitima.

É claro que a população não confia nessas patranhas. Há um ano que dura esta desdida, e essa circunstância trouxe-lhe a convicção que só deve confiar nas coisas de Vila Real.

Os trabalhadores de Vila Real de Santo António já estudaram em sessões e comícios públicos a sua triste situação. Do resultado a que chegaram fala a representação que foi entregue aos poderes constituidos, e publicada integralmente no nosso jornal.

Se aos poderes públicos merecer atenção a sorte das 60000 pessoas que morrem de fome em todo o Algarve as reclamações dos trabalhadores contidas na aludida representação serão atendidas, e uma nova vida trará felizes dias para os miseráveis que aqui vegetam uma triste existência.

O povo de Silves marca uma nova atitude

SILVES, 13.—A convite da comissão noite nessa cidade para juntamente com as comissões doutras localidades algarvias reclamar dos poderes constituidos o deleanor da crise de trabalho que se faz sentir em todo o algarve, reuniu-se o povo trabalhador desta localidade para apreciar as dêmarches levadas a efeito pela comissão convocante.

Fizeram uso da palavra alguns membros da referida comissão que deram contas à assembleia do resultado dos seus trabalhos, verificando-se por elas que nenhuma ficou resolvida do que interessava aos trabalhadores vítimas da crise de trabalho.

Por esse motivo a assembleia resolven que a comissão volte a Lisboa tratar, junto dos poderes constituidos, do mesmo assunto.

nos presos e mandou uns para a Guiné, outros para Cabo Verde.

Foi violenta essa medida? Não há dúvida. Mas as autoridades justificaram-na com as circunstâncias excepcionais do momento.

Em África morreram alguns dos deportados. Outros fugiram, tendo dois deles estado, já esta semana, em Lisboa.

Hoje, que a Ordem se encontra assegurada e o país está entregue à força armada, não há, realmente, motivos bastante ponderosos que evitem o regresso desses individuos e o seu imediato julgamento.

Apuradas as respectivas responsabilidades, cada um seguirá ao seu destino, tendo-se, em conta, para a apreciação de cada processo, o longo tempo de prisão e de degrado já sofridos.

Nenhum operário deve trabalhar na construção do palatrório

Recebeu o Sindicato Único da Construção Civil uma carta dos presos por questões sociais em que aqueles camaradas apelaram para o Sindicato no sentido de este fazer uma prevenção aos operários da Construção Civil, para que eles não se pretendam a ir para a cadeia do Lameiro fazer o palatrório com que se pretende tirar aos presos a liberdade de poderem estar algumas horas juntos das suas famílias. Por este motivo este Sindicato apela para todos os camaradas da Construção Civil, para que não se prestem a fazer tal obra que vai retirar uma regalia que os presos ali gosam, tornando mais horríssimo o seu viver.

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das obras do Estado

A comissão de melhoramentos da Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras dos Edifícios Monumentos Nacionais, convida os operários licenciados, inválidos e sinistrados a reunirem-se hoje pelas 10 horas da manhã, na sede da Associação, travessa do Oleiro, 13, a fim de tomarem conhecimento dos trabalhos realizados junto das entidades competentes para a reabertura das obras e pagamento das pensões e indemnizações aos inválidos e sinistrados.

Excursão de estudo

Os alunos da Escola Primária Superior Adolfo Coelho, por iniciativa do professor Rodrigues Direito, realizam amanhã uma excursão de estudo a Évora.

Secção Telegráfica

Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Conselho Inter-federal, segue ofício e expediente.

Liga Gráfica de Évora, segue ofício e expediente.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto.—Enviem urgente credencial para o delegado ao Conselho Federal.

A BATALHA iniciará amanhã, no primeiro artigo de uma série que vai publicar, uma análise à situação económica e moral de todo o pessoal dos hospitais civis de Lisboa.



A explosão de bombas no Porto

Os risíveis alvitres do efeminado integralismo lusitano

Negar a militariade aguda de que foram atacados os nossos bons conservadores, seria negar a existência da terra, do sol, ou da estupidez latissima.

Os sintomas da ferível enfermidade são tantos e tão variados que o maior leigo em matéria clínica, não duvidaria em diagnóstico.

O morbo medonho desenvolveu-se, como é natural, atendendo à sua feição característica militar, entre os mantenedores da ordem. Daí passou rápidamente a atacar os fortes cérebros dos nossos salvadores, os variegados pais da pátria que nos têm levado tudo o que Deus nos deu e ainda o que nos cresceu... como seja a vontade de lhes acabar com a raça.

Hoje, tendo inundado todos os campos propícios ao seu desenvolvimento, a militariade está dando os seus frutos.

Fruíos são esses tão amargos que a boca mais tolerantemente açucarada não pode trincar sem um arrípido de repugnância.

De facto, o cosinhado que nas altas esferas governativas se está preparando, grossas avarias estomacais vai trazer aqueles que tenham de o ingerir. Bem verdade é, que talvez não tarde muito uma distribuição gratuita e obrigatoria de bomba «óleo de ricino»; se assim for, o mal causado a Câmera, julgando o lugar de 2.º comandante perfeitamente dispensável, extinguirá.

A esse tempo o efectivo dos dirigentes da Corporação somavam: 1 ajudante, 2 Chefe de Divisão e 10 de Secção. Pouco depois, suscitando-se a grande necessidade de anclar um dos grandes amigos do sr. António Maria da Silva, e contando então o referido efectivo, 2 ajudantes, 4 Chefe de Divisão, 16 de Secção, a Câmara, julgando absolutamente imprescindível, (pudera) o lugar de 2.º comandante, cria-o novamente e manda prover nele o actual Comandante.

Leitor amigo, olha que não estamos a descrever uma sesta de brincadeira de rapazes aos comandantes. Foi autêntico.

Protemos, por passado domingo, demonstrar quanto podem os trabalhos para particulares feitos nas oficinas. Vamos a isso. Desmascaremos os pequenos tartufos da política que muitas vezes são bem mais perniciosos que os de cima. Não pudermos legalmente concorrer, como já dissemos, os empregados Alfredo Alberto Ferreira e José Pais. Porém, pouco depois, a requerimento seu, aparecia no Comando uma comunicação da Câmara, mandando abrir um concurso especial para ambos. Desvendemos as razões que accionaram tão prepotente dispêndio.

Um deles, aquele de quem nos ocuparemos mais demoradamente, pois que já faz subir o número das suas vítimas quase a uma dezena, ainda ensinando o vereador dos concursos a que não arrepende, é o de C. G. T.

— Se a C. G. T. não abdica, mobilisa-se! — dizia o asno.

Filho, isto é de rebentar a rir! A C. G. T. mobilizada!

Só dum melão como o daquele ilustre poeta integralista que saiu tão luminosa ideia! Para o pequeno, como estamos sendo governados por tropas, tudo obedece às brilhantes regras militares e o seu maior desejoso seria talvez que lhe metesssem uma gaita nas mãos e o fizessem tocar... as várias ordens de serviço que são de uso na caserna.

Pobre integralismo lusitano! Que figura brilharia fariam os teus homens se amanhã tomasse conta desta desdita parvónia!

Desgraçados lunáticos cegos com o brilho dos botões da farda, como poderiam fitar o Sol que é chama rubra que vivifica e se chama Liberdade?

A C. G. T. mobilizada! Que boa ocasião de estar calado o poetaastro! Suicida-te infeliz! Livra-nos de contemplar-te o melão desprovido de miolo!

Libertus

As Escolas Primárias Superiores

e a sua supressão

Os alunos das Escolas Primárias Superiores de Lisboa pedem aos colegas das demais escolas da província que secundem a sua representação a entregar ao ministro da Instrução e presidente do Ministério, na próxima sexta-feira, na qual se pede a conservação das escolas que frequentam, como única garantia do seu bem-estar futuro, pois não podem comportar as despesas que hoje são exigidas para a educação a ministrar em qualquer liceu.

Pobre integralismo lusitano! Que figura

brilharia fariam os teus homens se amanhã tomasse conta desta desdita parvónia!

Desgraçados lunáticos cegos com o brilho

dos botões da farda, como poderiam fitar

o Sol que é chama rubra que vivifica e se

chama Liberdade?

O programa dessa festa é o seguinte: representação do drama em 3 actos «Provas do Crime», a cargo do grupo dramático Solidariedade Operária, um acto de variedades e concertos, para mais minúcias, pesquisas.

Toda a correspondência para estes Sindicatos deve ser provisoriamente endereçada à rua de Entreparêdes, 33, 1.º.

Uma festa em favor das militares Alfredo Lopes e Francisco Gil

Alfredo Lopes e Francisco Gil, dois activos militares da organização sindical da construção civil que se encontram a brincar com uma perigosa enfermidade, vão ter uma justa homenagem na festa que em seu favor se realiza na próxima segunda-feira, no Salão da Construção Civil, promovido pelo Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa.

O programa dessa festa é o seguinte: representação do drama em 3 actos «Provas do Crime», a cargo do grupo dramático Solidariedade Operária, um acto de variedades e concertos, para mais minúcias, pesquisas.